

Uma noite diferente

Eu ia comer a um daqueles locais que alguém crismou para a eternidade possível com o nome “morte lenta”. Nessa altura tinha quinze anos, uma das idades em que somos provisoriamente imortais, como também já se disse. Essa fase dura uns bons anos, mas na altura não sabemos que são mesmo bons e rápidos. Comi algo estragado por lá e descobri que não só aquilo podia ser “morte rápida”, como também que com esperteza e arte se consegue enganar o paladar. Depois disso foram muitos dias num internamento difícil, a soro. Uma noite a enfermeira de serviço resolveu concordar comigo e acelerou o soro. Não vi luzes, não ouvi vozes a chamar por mim, não encontrei quem conhecesse. Mas senti uma paz que nunca mais voltei a sentir, pensei “vou morrer, mas não me importo”; nunca estivera (nem voltaria a estar) tão bem disposto – comigo, com os outros, com a vida (!) – como quando estive a morrer.

Vi o meu corpo de cima do quarto (ao princípio não se entende o que se vê porque a perspectiva é estranha); eu estava colado ao tecto e via-me a mim, à minha mãe, à enfermeira e a um médico entretanto chegado, lá embaixo, à volta da cama. De repente acordei, tive a sensação de cair no corpo e estava mal disposto. Depois disto vivi outra situação interessante. Indo por ferrovia da Itália à Grécia, atravessava-se a Jugoslávia toda e era demorado. Um entardecer, no meio de uma imensa floresta, cheguei à janela da carruagem e vi, escrito em cirílico, um singelo monumento a combatentes de Tito aí mortos. Estive na Grécia seis dias e na volta, de repente, disse ao meu companheiro de viagem: “é aqui!” – e era, ali estava o tal monumento! Anos depois contei isto a uma pessoa que trabalhou muito tempo com o espírita Arigó. Ele disse-me que devo ter morrido naquele local, noutra existência. O mais curioso de tudo isto é que não sei, sinceramente não sei se estes acontecimentos mudaram a minha postura na vida. Mas nunca os esqueci e acabo por pensar que sim, realmente mudei, de facto “só não mente quem não sente que o mistério não tem fundo”, como cantou José Afonso em “Verdade e Mentira”.